

É assim que funciona

Cenatexto

*S*egundo dia de trabalho. Eduardo bate o ponto e caminha para a seção de soldagem, onde encontra Antônio seu supervisor. Este o apresenta a Vítor, um velho e experiente operador de solda, de quem Eduardo vai receber orientações na fase de treinamento. Trocados os cumprimentos, Eduardo e Vítor vestem seus equipamentos e dirigem-se à área de trabalho.

- Então, Eduardo, tudo bem? O trabalho aqui não é moleza, mas conto com sua experiência. Você já deve ter lido o material que o instrutor lhe passou ontem na sessão de treinamento, certo?

- Como o senhor diz, passar ele passou; mas é que não tive tempo para abrir os manuais.

- Antônio me falou que você não é muito chegado a manuais. É verdade? Acho que vamos ter que mudar isso. Posso lhe passar meu conhecimento e minha experiência, mas você vai ter que abrir sua cabeça para a importância dos manuais.

- Ora, seu Vítor. Melhor é fazer do jeito que já acostumei. Só me diga o que o senhor quer que eu faça e deixe o resto comigo. Não vai se arrepender.

Vítor o olhou demoradamente. "Aqui está realmente uma mula, com iniciativa", pensou.

- Pois bem, vamos ao trabalho! Quero que você solde estas chapas. Volto daqui a pouco para ver como está indo. - disse Vítor, afastando-se da seção.

Eduardo, que via ali uma oportunidade imperdível para mostrar suas habilidades de soldador, fixou o eletrodo no aparelho de solda, apurou o corpo e levantou o braço para puxar a viseira protetora sobre o rosto. Foi aí que deu com os burros n'água. Quando levou a mão para trás, bateu com o eletrodo na divisória de metal perfurando-a. As centelhas caíram sobre umas latas abertas contendo restos de solvente e tinta, ocorrendo um início de incêndio.

Correria geral, acodem os colegas com extintores e logo a situação está sob controle. Vítor entra apressado na seção de solda e encontra Eduardo ainda se refazendo do grande susto. Este tenta explicar o ocorrido:

- Não sei como isso foi acontecer e logo comigo, seu Vítor! É muito azar! Parece que o meu santo deu bobeira.

- Nada disso, amigão. Não fique aí se culpando. Acidentes acontecem e não são poucos. O que vale é aprender com eles. Ainda bem que você estava protegido. Faltou um pouco mais de cuidado com o aparelho de solda.



- É, seu Vítor, fico tremendo só em pensar. E se toda aquela tinta tivesse explodido? Ainda assim, acho que tudo aconteceu por causa daquele equipamento de proteção.

- Como assim, Eduardo?

- Ora, fico que nem astronauta no espaço com aquela roupa. Me atrapalho todo, metido naquelas botinas, com avental e luvas de couro. Acho que não dá certo esse negócio de muita proteção. Vou agora mesmo procurar o supervisor e pedir pra ele me deixar trabalhar do meu jeito. O senhor vem comigo, seu Vítor?

- Desisto, amigão. Você é mais cabeçudo que uma mula! Vamos lá, mas não ponha fé nessa sua maluquice. Seu Antônio vai pensar que você pirou. E nessa enrascada nem o santo vai querer entrar.

Na conversa de Antônio com Eduardo aparecem muitas expressões usadas em nossa linguagem coloquial. Imagine que eles tivessem de escrever um relatório. Sua maneira de expressar teria de ser diferente. Que expressões poderiam usar?

Reescreva as frases retiradas da Cenatexto substituindo as expressões destacadas por outras adequadas à comunicação escrita. Veja um exemplo:

*Antônio me falou que você não é muito **chegado a manuais**.*
*Antônio me falou que você não **valoriza muito os manuais**.*

a) (...) mas você vai ter que **abrir sua cabeça para a importância dos nossos manuais**.

.....

b) E foi aí que Eduardo **deu com os burros n'água**.

.....

c) Parece que **o meu santo deu bobeira**.

.....

d) Seu Antônio vai pensar que você **pirou**.

.....

Dicionário

Entendimento

1. Por que Vítor pensou que Eduardo era uma *mula, com iniciativa*?
2. De acordo com a descrição do acidente com Eduardo na fábrica, podemos dizer que ele foi provocado por exclusiva responsabilidade de Eduardo? Justifique sua resposta.
3. Na conversa com Vítor, após o acidente, Eduardo encontra uma justificativa para o que lhe aconteceu. Que justificativa foi essa? Você concorda com a justificativa de Eduardo?
4. Suponha que Vítor dissesse a Eduardo o seguinte: *É assim que funciona*. Agora imagine que Eduardo diga a Vítor: *É assim que funciona*. Como você sabe, essa frase é o título deste módulo. Agora responda ao seguinte: considerando o que ocorreu na Cenatexto desta aula, Vítor e Eduardo estariam dizendo a mesma coisa com essa frase? Justifique sua opinião.

Aprofundando

De onde vem o sentido das frases? Você já pensou sobre o que faz uma palavra ou um conjunto de palavras se transformar numa frase?

Uma frase não é uma palavra solta ou um amontoado de palavras, como você viu na Aula 51, mas uma rede cuidadosamente tecida, capaz de produzir sentidos. Nessa produção há certas palavras importantes para construir o texto. Em geral elas não são usadas sozinhas, mas servem para estabelecer relações entre as idéias. Veja o papel da palavra *que* nesta frase da Cenatexto:

– *Você já deve ter lido o material **que** o instrutor lhe passou ontem na sessão de treinamento, certo?*

O *que* está ligando as duas informações que compõem a frase. E ao fazer essa ligação, representa, na segunda parte da frase, a palavra *material*. Observe:

Você já deve ter lido o material (que) o instrutor lhe passou (o material).

Numa única frase você pôde condensar as duas idéias. Em nossa língua, o *que* faz freqüentemente este papel de *conectivo*, isto é, elemento que liga, une, conecta uma idéia com outra.

O *que* do nosso exemplo é um *pronome relativo*, pois substitui um substantivo (ou equivalente) que apareceu antes. Além do *que*, existem outros pronomes relativos. Veja o quadro seguinte:

PRONOMES RELATIVOS	ANTECEDENTES	EXEMPLOS
QUE	coisa ou pessoa	A casa que comprei fica na rua principal.
QUEM	pessoa	Conheço a pessoa de quem você falou.
ONDE	lugar	Esta é a empresa onde trabalho.
COMO	modo, maneira	O modo como me olhava era estranho.
O QUAL (a qual, os/as quais)	coisa ou pessoa	Aquela é a autora do livro a qual vimos.
CUJO (cuja, cujos, cujas)	pessoa ou coisa	Aqui está o rapaz cujo chefe me procurou.
QUANTO (quanta, quantos, quantas)	tudo, todos, todas	Vendeu tudo quanto tinha.

Indique nas frases a seguir a palavra que o pronome relativo está representando. Observe que ela deve ser um substantivo (ou equivalente) e que terá aparecido antes do pronome relativo. Veja o exemplo:

*Eduardo caminha para a seção de soldagem, **onde** encontra Antônio, seu supervisor. (seção de soldagem)*

- a) *Eduardo, **que** via ali uma oportunidade imperdível para mostrar suas habilidades de soldador, fixou o eletrodo no aparelho de solda.*
.....
.....
- b) *As centelhas caíram atrás da divisória, sobre umas latas abertas, dentro **das quais** havia restos de solvente e tinta.*
.....
.....
- c) *Este o apresenta a Vítor, um velho e experiente soldador, de **quem** Eduardo vai receber orientações na fase de treinamento.*
.....
.....



1. Separe as frases que o pronome relativo uniu, colocando no lugar do pronome a palavra a que ele se refere. Siga o exemplo:

*Eduardo caminha para a seção de soldagem, **onde** encontra Antônio, seu supervisor.*

*Eduardo caminha para a seção de soldagem. **Na seção de soldagem** encontra Antônio, seu supervisor.*

- a) *Eduardo, **que** via ali uma oportunidade imperdível para mostrar suas habilidades de soldador, fixou o eletrodo no aparelho de solda.*
.....
.....

- b) *As centelhas caíram atrás da divisória, sobre umas latas abertas, dentro **das quais** havia restos de solvente e tinta.*
.....
.....

- c) *Este o apresenta a Vítor, um velho e experiente soldador, de **quem** Eduardo vai receber orientações na fase de treinamento.*
.....
.....

Reescritura



2. Experimente agora fazer o contrário: procure unir numa só frase as informações, usando o relativo indicado entre parênteses. Observe que o relativo:

- Substitui a palavra destacada.
- É colocado logo após seu antecedente.
- Vem, em alguns casos, precedido de preposição.

Siga o exemplo:

A função exige experiência.

*Você está sendo contratado para **a função**. (a qual)*

*- A função **para a qual** você está sendo contratado exige experiência.*

a) *Eduardo já conhecia o trabalho.*

*Ele ia realizar **o trabalho**. (que)*

.....

b) *Eduardo foi para a seção de solda.*

*Deveria receber instruções **na seção de solda**. (onde)*

.....

c) *Ele assistiu ao treinamento.*

*Recebeu importantes instruções durante **o treinamento**. (o qual)*

.....

d) *Vítor era o encarregado da seção.*

Eduardo deveria procurar o encarregado da seção. (a quem)

.....

Como você observou, em algumas frases do exercício anterior, o relativo apareceu precedido de preposição. Por que e quando isso acontece? De que depende a presença da preposição? A presença da preposição depende do verbo ou do substantivo a que o relativo se liga. Observe:

*A **cena de que** falavam foi muito triste.*

*(O verbo falar exige a preposição **de** = falar de)*

Na língua falada é muito comum que essa preposição seja deixada de lado. Ou mesmo que no lugar dos diversos relativos apareça unicamente o relativo **que**. Em situações de fala, as frases acima não causariam nenhum problema de comunicação se fossem ditas assim:

*A **cena que** falavam foi muito triste.*

*A **cena que** falavam dela foi muito triste.*

*A **firma que** eu trabalho nela dispensou muitos empregados.*

Mas imagine, por exemplo, que você está escrevendo um texto para o jornal de sua empresa. Nesse caso, é adequado usar a preposição.

3. Reescreva as frases seguintes, todas da língua falada, passando-as para a escrita. Siga o exemplo:

A moça que ele saiu com ela é minha irmã.

A moça com quem ele saiu é minha irmã.

- a) *A parte que eu menos gostei na história de hoje foi a falta de sorte de Eduardo.*

.....

- b) *A seção que Eduardo trabalha se chama "área de solda".*

.....

- c) *O manual que Vítor falou tem menos de trinta páginas.*

.....

- d) *A cidade que Eduardo vai morar anda muito poluída.*

.....

Na Cenatexto desta aula, Eduardo se apega teimosamente ao seu jeito pessoal de fazer as coisas, o que gera um conflito entre ele e Vítor. Às vezes, agimos um pouco como Eduardo: só acreditamos no nosso próprio saber e desconfiamos da ciência e da tecnologia.

Quem é mais sábio: o agricultor que cultiva a terra como aprendeu com o pai e o avô, ou o moderno homem do campo que lança mão de novas tecnologias? O soldador que segue as normas de um manual de instrução, ou o que quer fazer do seu jeito, como aprendeu com o pai?

Você acha que o problema deve ser colocado dessa maneira? Dê a sua sugestão.

Não se esqueça de todos os benefícios trazidos pela ciência e pela tecnologia. Mas considere, também, que confiar em nossa própria experiência, acreditar em nossa intuição pode nos orientar em decisões importantes do dia-a-dia.

No mundo do trabalho, de que modo podemos estar abertos a novos conhecimentos, sem deixar de lado a experiência e a intuição?

Refleta sobre isso; troque idéias com outras pessoas e tome sua posição.

Na última aula, vimos que a literatura traz bem forte a marca da identidade de quem escreve. A escolha entre as várias possibilidades de expressão determina o estilo individual de cada escritor. Mas, por mais variados que sejam esses estilos, os escritores estão dentro de seu tempo e participam da vida de seus contemporâneos.

Veja o que nos diz sobre o objetivo e a função social da literatura o jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano:

A gente escreve para despistar a morte e destruir os fantasmas que nos afligem, por dentro; mas aquilo que a gente escreve só pode ser útil quando coincide de alguma maneira com a necessidade coletiva de conquista de identidade. Ao dizer 'Sou assim' e assim me oferecer, acho que eu gostaria de, como escritor, poder ajudar muitas pessoas a tomar consciência do que são. Enquanto instrumento de revelação da identidade coletiva, a arte deve ser considerada matéria de primeira necessidade e não artigo de luxo.

Fonte: Eduardo Galeano. *Voices e crônicas*. São Paulo, Global/Versus, 1978. Pág. 13.

Reflexão

Arte e vida



A literatura, como representação artística da vida, não fica parada e estática, uma vez que a vida é dinâmica. Ela se transforma, assim como as pessoas, seus costumes, suas crenças e seus ideais. Por isso, falamos em *estilos de época*. As épocas mudam, e cada época tem suas características.

Embora os escritores de todas as épocas estejam sempre retomando certos temas universais – como o amor, a morte, a natureza – em cada estilo de época, esses temas são abordados dentro de novas perspectivas.

Os poetas românticos, por exemplo, descrevem a natureza de forma idealizada, como refúgio e ânimo para todas as dores humanas.

Os realistas, ao contrário, vêm a natureza não só como a boa mãe que acolhe a todos, mas também como a força destruidora que traz a morte.

O Brasil, de 1500 até 1822 (data de nossa Independência), foi colônia de Portugal. Entre nós, as primeiras manifestações literárias foram marcadas pela imitação dos modelos europeus, sobretudo os portugueses.

Embora seja bastante controverso o assunto, é comum considerar que a literatura brasileira nasce com o estilo *Barroco*, que permitiu, por suas características, a fusão dos elementos locais com os europeus, dando continuidade a um processo de mestiçagem que constitui uma característica marcante da cultura nacional. Com o Barroco, as formas brasileiras começam a se impor às tradições européias que por aqui sobreviviam.

Aliás, se observarmos bem a cultura e as letras no Brasil, vamos notar que desde o descobrimento, em 1500, nosso país teve suas características bem distintas de Portugal e da Europa em geral.

Por isso, poderíamos dizer que ele sempre teve sua própria identidade literária. Talvez seja mais correto dizer que a literatura brasileira se inicia já em 1500 e não um século mais tarde. Pois aqui se vivia, pensava, falava e escrevia diferente de Portugal, desde os primeiros anos do descobrimento do Brasil.

Para uma visão em conjunto, trazemos aqui um quadro dos estilos de época, com sua localização no tempo, os principais acontecimentos históricos e algumas das características básicas desses estilos.

É uma visão geral, bastante esquematizada, apenas para você começar a se familiarizar com a identificação dos estilos e sua seqüência no tempo.

As datas, tomadas como ponto de referência para a delimitação dos estilos, assinalam acontecimentos históricos ou literários marcantes. Assim, poderemos verificar que as mudanças são lentas e que existem períodos de transição nos quais as características dos estilos se misturam.

ESTILOS DE ÉPOCA	CONTEXTO HISTÓRICO	CARACTERÍSTICAS
Barroco - 1601 a 1768	<ul style="list-style-type: none"> • Contra-reforma • Portugal sob o domínio espanhol • Invasões holandesas • Manifestações literárias na Bahia 	<ul style="list-style-type: none"> • Conflito: homem voltado para o céu X homem voltado para a Terra • Tentativa de fusão entre corpo e espírito • Rebuscamento da forma, acúmulo de ornamentos
Neoclassicismo Arcadismo - 1768 a 1836	<ul style="list-style-type: none"> • Iluminismo • Revolução Industrial • Revolução Francesa • Independência dos EUA • Ciclo da mineração • Inconfidência Mineira • Manifestações literárias em Minas 	<ul style="list-style-type: none"> • Retorno ao equilíbrio e à simplicidade • Identificação entre os conceitos de beleza, verdade e natureza • Finalidade moral e social da literatura
Romantismo - 1836 a 1881	<ul style="list-style-type: none"> • Burguesia no poder • Liberalismo burguês • Segundo Império • Guerra do Paraguai • Lutas abolicionistas • Literatura nacional 	<ul style="list-style-type: none"> • Subjetivismo, sonho, sentimentalismo • Imaginação criadora • Fuga para a natureza, para o passado, para a religião • Reformismo social
Realismo /Naturalismo / Parnasianismo - 1881 a 1893	<ul style="list-style-type: none"> • Socialismo • Evolucionismo • Positivismo • Lutas anti-burguesas • Segunda Revolução Industrial • Abolição • República • Romance realista • Romance naturalista • Poesia parnasiana 	<ul style="list-style-type: none"> • Conceito do homem natural, sujeito à natureza e ao meio • Literatura sem preocupações morais • Culto da objetividade e da forma • Arte pela arte na poesia
Simbolismo / Pré-Modernismo - 1893 a 1922	<ul style="list-style-type: none"> • Pré-Guerra • Primeira Guerra Mundial • Freud e a psicanálise • Revolução Russa • Vanguardas artísticas • Governo de Floriano • Revolta da Armada • Guerra dos Canudos • Nazismo • Facismo 	<ul style="list-style-type: none"> • Valorização do místico, do espiritual e do subconsciente • Afastamento da realidade contemporânea • Preocupação com as impressões sensíveis
Modernismo - 1922 - atualidade	<ul style="list-style-type: none"> • Segunda Guerra Mundial • Guerra Fria • Ditadura de Vargas • Semana de Arte Moderna 	<ul style="list-style-type: none"> • Rompimento com os preceitos de gramática • Busca de síntese, espontaneidade e amplitude temática • Interesse pelo inconsciente • Rompimento da estrutura narrativa tradicional